

Philaí, Dêmoi e Escravidão Agrícola na Atenas Clássica

André Leonardo Chevitarese

Abstract

We will consider three main questions which pass the referred object: what was the social status of a citizen who basically employed the slave work in the agricultural labour? Which were the difficulties in establishing, according to textual documentation, when a slave is characterized as an agricultural worker? To what extent was that kind of manual labour spread in the Attic agriculture?

A bibliografia contemporânea apresenta uma posição extremamente polarizada acerca da escravidão agrícola na antigüidade grega. Observam-se alguns importantes autores localizando um número expressivo de escravos na agricultura ática, por um lado (ver, por exemplo: Guiraud, 1979, pp. 446-454, especialmente a página 452; Jameson, 1977/78, pp. 122-41; de Ste. Croix, 1983, pp. 133-74, 505-509; Garlan, 1984, pp. 75-77; Amouretti, 1986, pp. 212-214), e autores não menos importantes acentuando a sua escassez no espaço rural ateniense, por outro (Jones, 1986, pp. 10-20; Wood, 1989, pp. 64-80, 173-80; Sallares, 1991, pp. 55-60).

As posições acima revelam o pouco interesse que este objeto despertou entre os autores antigos gregos, refletindo, em grande parte, informações pouco precisas, fragmentárias e parciais. Estas características não permitem formar um quadro isento de disputas acerca da real extensão da mão-de-obra escrava na agricultura ática. Os poucos dados disponíveis estão praticamente relacionados com os escravos que trabalhavam nas médias e grandes propriedades fundiárias. Não deve ser perdido de vista, porém, que as atividades que eles desempenhavam no interior destas propriedades não são especificadas, salvo em uma ocasião, tornando, desta forma, as passagens extremamente vagas. Da nossa parte, tudo isto sugere

muita cautela, tanto no sentido de evitar assumir uma das posições polares acima, já que isto nos limitaria a defender uma corrente em detrimento da outra, quanto no cuidado com as generalizações, já que algumas das questões a serem discutidas refletem situações bem particulares.

Admite-se, a priori, que a maior parte dos cidadãos atenienses morava no espaço rural. Não há possibilidade, contudo, de precisar numericamente esta maioria. Alguns autores contemporâneos, provavelmente incomodados pela carência de cifras na documentação, arriscam algumas estimativas sobre o total da população de cidadãos que habitavam na *khóra* ática. Assim, por exemplo, pesquisadores do porte de Moses Finley, Robin Osborne e Ellen Wood, partindo das análises de Gomme, sugerem que cerca de dois terços do corpo cívico habitassem no espaço rural, enquanto que Ober nos informa que pelo menos 50% dos cidadãos viviam fora da *ásty* (Finley, 1988, pp. 29-30; Osborne, 1991, p. 64; Wood, 1989, p. 44. O trabalho utilizado como suporte para estes três autores parece ter sido: Gomme, 1967, especialmente a página 47; Ober, 1985, pp. 21, 26). Palpavelmente falando, a única indicação precisa que possuímos, permitindo, inclusive, a nossa admissão inicial, é uma passagem contida na obra de Tucídides (2.14.2). Este historiador, ao falar sobre o esvaziamento da *khóra* proposto por Péricles, afirma:

“[...] E a remoção era algo difícil para eles aceitarem, porque a maioria deles (τοὺς πολλοὺς) estava habituada a viver no campo.”

Esta passagem deixa transparecer, embora ela seja extremamente vaga, que a maior parte do corpo cívico estava localizada na *khóra*. De fato, esta parece ser a realidade de Atenas no início da guerra do Peloponense. Ela não especifica, porém, de que forma esta a população ocupou os espaços geográficos da Ática, isto é, se houve uma ocupação equitativa de toda a *khóra*, ou se houve uma maior concentração em determinadas áreas em detrimento de outras. Apesar dos poucos dados disponíveis, é possível constatar que a Ática não foi equitativamente ocupada, implicando, assim, na existência de duas importantes questões: primeira, a riqueza não estava distribuída igualmente no espaço rural ateniense, implicando em participações e em representações políticas diferenciadas dos vários *Dêmoi* rurais nas magistraturas e instituições de Atenas; segunda questão, verifica-se um número extremamente baixo de informações acerca da Ática clássica. Estes dados são seletivos, isto é, eles não cobrem todas as áreas compreendidas pela *khóra* ateniense. Esta característica tem produzido análises extremamente generalizantes sobre o espaço rural ático, como se ele formasse um todo, podendo ser determinado por um único modelo de

assentamento e de produção de bens. Observa-se, por exemplo, que as regiões de Skóurta e Atene, duas áreas praticamente ignoradas pela documentação antiga, têm proporcionado um número considerável de informações acerca do modelo de assentamento e de produção de cereais na Ática (para as duas questões apresentadas acima, ver: Chevitarese, 1997b, pp. 68-71). A primeira questão pode ser observada através dos diversos fragmentos de inscrições áticas contendo as listas dos *bouleutai* atenienses (Gomme, 1967, pp. 56-65). Esta documentação é datada, basicamente, do quarto século. Como observou Osborne, no entanto, a proporção de cada *Dêmos* na cota do Conselho dos Quinhentos não deve ter variado no período clássico (Osborne, 1991, p. 43). As inscrições constituem, deste modo, um importante indício de verificação da participação política do corpo cívico na política interna de Atenas, ressaltando as regiões de origem, o que não deve ser confundido com o local de residência destes cidadãos, assim como, da distribuição da riqueza e da própria população no território poliade.

As reformas de Clístenes introduziram um novo sistema de organização e de representação do corpo cívico ateniense. Pseudo-Aristóteles (*A Constituição de Atenas* 21,3-4; ver, também: Heródoto 5, 69) observa, entre as primeiras medidas levadas a cabo por este político, a divisão dos cidadãos em dez tribos, a reestruturação da *Boulé*, elevando o seu número para quinhentos conselheiros, cinquenta de cada tribo, e a partilha do território em *Dêmoi*. Os *bouleutai* eram oriundos das três primeiras classes de Sólon, com visível predomínio dos *zeugitas* (Stockton, 1990, pp. 26, 85; Sinclair, 1991 pp. 106-107. No final do quarto século, alguns *tetas* foram incorporados na *Boulé*: Stockton, 1990, p. 85). O Conselho dos Quinhentos era composto, portanto, de cidadãos que possuíam uma propriedade fundiária ou uma renda mínima para qualificá-los como membros do referido Conselho. Esta composição tem proporcionado um interessante debate entre os pesquisadores contemporâneos. A questão de fundo seria a existência ou não de uma influência do cidadão rico nas discussões e deliberações da *Boulé*. Partindo de uma constatação feita por P.J.Rhodes, segundo a qual, dos três mil ou mais *bouleutai* cujos nomes sobreviveram, menos do que 3% são identificados como tendo servido duas vezes, Finley (1985, pp. 92-93) e Stockton (1990, pp. 85-86, nota 36) negam o predomínio e a influência dos bem-nascidos no Conselho dos Quinhentos. Estes dois autores deixam de considerar em suas análises um importante fator, qual seja, a necessidade de uma participação maciça dos *Dêmoi* rurais na composição do referido Conselho. Esta dependência traz, em si, desdobramentos políticos na própria dinâmica de funcionamento da *Boulé*. A

análise de Sinclair não é apenas oposta a de Finley e Stockton, como, também, da nossa parte, mais completa, já que leva em consideração os fatores políticos e econômicos presentes na composição do Conselho dos Quinhentos. Este autor reconhece, de imediato, que uma lista incompleta de membros da *Boulé*, datada de 336-35, parece incluir entre os 248 nomes uma proporção significativa de homens que foram trierarcas ou que tiveram nas suas famílias trierarcas. Este dado sugere não só o interesse que o cargo de conselheiro desperta entre os ricos (Sinclair, 1991, pp. 107-108; Osborne, 1991, pp. 68-69), mas, também, uma possível influência que estes últimos poderiam exercer sobre os cidadãos pobres e os menos preparados politicamente (sobre esta última questão, ver: Demóstenes 22,35-36). Ele observa, posteriormente, que nem todos os cidadãos sorteados para os cargos de conselheiros gozavam das mesmas condições econômicas, responsáveis por proporcionar o lazer político, considerado como indispensável para o pleno exercício da referida função. Isto significa dizer, muitos cidadãos que não habitassem próximos de Atenas não poderiam estar participando ativamente das reuniões da *Boulé*. O cidadão rico não conviveria com este tipo de problema, tendo em vista que ele poderia ter, caso assim o desejasse, além de uma casa no seu *Dêmos* de origem, uma outra em Atenas, ou no Pireu, ou nas cercanias da *ásty*. Esta questão pode ser demonstrada, por exemplo, com Conon e o seu filho Timóteo, ambos registrados no *Dêmos* de Anaphlistos, porém, este último, parece ter priorizado, enquanto local de sua moradia, uma casa que ele mantinha no Pireu (Demóstenes 49,22; para outros exemplos, ver: Iseus 11,42 e 11,44; Ésquines 1,98). Este exemplo, quando somado a um número maior ainda de situações semelhantes, sugere uma possível característica, muito mais do que um movimento, como quis ver Gomme, do cidadão rico possuindo, além da sua residência e ou bens no seu *Dêmos* de origem, onde possivelmente tinha interesses políticos e econômicos, uma outra casa em Atenas ou no Pireu (Sinclair, 1991, p.107, n. 5, 134-35, n. 118; Gomme, 1967, p. 37-48, em especial as páginas 38-39; Osborne, 1991, p. 61). Esta posição não deve ser vista como simples conjectura, mas, como um problema real vivido pelos próprios atenienses. Constatase, entre as medidas aprovadas pelos Quatrocentos em 411, a cobrança de uma multa, no valor de uma dracma, para todo conselheiro que faltasse à uma reunião sem que houvesse tido uma permissão da própria *Boulé*. Apesar desta medida ser eminentemente oligárquica, ela demonstra dois problemas concretos, quais sejam: primeiro, o não comparecimento de muitos conselheiros deveria ser uma prática bastante conhecida entre os atenienses; segundo problema, ser *bouleuté* implicava disponibilidade in-

tegral de tempo por parte do cidadão, ao menos naquele período em que a sua tribo fosse a responsável pela *pritania*. Os dois problemas apontam para uma única questão, isto é, a falta de lazer político para uma parcela significativa do corpo cívico, especialmente dos pequenos proprietários rurais (Sinclair, 1991, pp. 106-14; com relação à medida, ver: Pseudo-Aristóteles. *A Constituição dos Atenienses* 30.6 e 4.3; tal atitude abrangendo o universo oligárquico, ver: Aristóteles. *A Política* 1294a 35-42).

A partir dos dados fornecidos acima, pode-se analisar as informações advindas das cotas de participação dos *Dêmoi* na elaboração do Conselho dos Quinhentos (a lista que se segue é o resultado de comparações e de ajustes feitos a partir dos seguintes autores: Gomme, 1967, pp. 56-65; Osborne, 1991, pp. 196-205; Whitehead, 1986, pp. 369-373; os números entre parênteses representam a quantidade de *bouleutai* fornecida por cada *Dêmos*).

Quadro 1 — Distribuição dos *Dêmoi* nas Tribos Áticas

Tribo	Cidade	Costa	Interior
Erekhtheis (14 <i>Dêmoi</i>)	Agrile Alta (2)	Anagirous (6)	Kephisia (6)
	Agrile Baixa (3)	Kedoi (2)	Pergase Alta (2)
	Euonimon (10)	Lamptraí Alta (5)	Phegous (1)
	Themakos (1)	Lamptraí Baixa (9)	Phegous (1)
		Pambotadai (1)	Sibridai (1)
Aigeis (21 <i>Dêmoi</i>)	Ankile Alta (1)	Araphen (2)	Erkhia (7 ou 6)
	Ankile Baixa (1)	Halai Araphen (5)	Gargettos (4)
	Bate (1 ou 2)	Phegaia (3 ou 4)	Ikarion (5 ou 4)
	Diomeia (1)	Philaidai (3)	Kidantidai (1 ou 2)
	Hestiaia (1)	Otrine (1)	Plotheia (1)
	Kollitos (3)		Teithras (4)
	Kolonos (2)		Ionidai (2 ou 1)
	Erikeia (1)		Mirrhinoutta (1)
Pandionis (11 <i>Dêmoi</i>)	Kidathenaios (12 ou 11)	Angele (2 ou 3)	Konthile (1)
		Mirrhinous (6)	Oa (4)
		Prasiai (3)	Paianiai Alta (1)
		Probalinthos (5)	Paianiai Baixa (11)
		Steiria (3)	Kitherros (2 ou 1)

Quadro 1 — Distribuição dos Dêmoi nas Tribos Áticas

Tribo	Cidade	Costa	Interior
Leontis (20 Dêmoi)	Halimous (3)	Deiratiotai (2)	Aithalidai (2)
	Leukonoion (3)	Phrearrhioi (9)	Eupiridai (2)
	Skambonidai (3)	Potamos Alto (2)	Hekale (1)
	Kettos (3)	Potamos Baixo (1)	Paionidai (3)
	Oion Kerameikon (1)	Sounion (4)	Hibadai (2)
	Potamos	Kolonai (2)	
	Deiradiotai (2)	Kropidai (1)	
		Pelekes (2)	
		Kholleidai (2)	
Akamantis (13 Dêmoi)	Cerâmico (6)	Kephale (9)	Eitea (2)
	Kholargos (4)	Torikos (5 ou 6)	Hagnous (5)
	Eiresidai (1)	Poros (3)	Prospalta (5)
	Hermos (2)		Sphettos (5)
	Iphistiadai (1)		Kikinna (2)
Oineis (13 Dêmoi)	Boutadai (1)	Kothokidai (2 ou 1)	Acarnes (22)
	Hippotomadai (1)	Phile (2)	
	Lakiadai (2)	Thria (7)	
	Perithoidai (3)	Oe (6 ou 7)	
	Tirmeidai (1 ou 0)		
	Epikēphisia (1 ou 2)		
	Lousia (1)		
	Ptelea (1)		
Kettos (3)	Potamos Baixo (1)	Paionidai (3)	
Kekropis (10 Dêmoi)	Melite (7)	Aixone (8)	Athmonon (5)
	Xipete (7)	Halai Aixonides (6)	Phlia (7)
	Daidalidai (1)		Pithos (2)
			Sipalethos (2)
			Epieikidai (1)
			Trinemeia (2)
Hippothontis (17 Dêmoi)	Hamaxantheia (1)	Elêusis (11)	Deceleia (4)
	Keiriadai (2)	Kopros (2)	Oion Dekeleikon (3)
	Koile (3)	Oinoe (2)	Anakaia (3)
	Koridallos (1)	Elaious (1)	Eroiadai (1)
	Pireu (9)	Akherdous (1)	
	Thimaitadai (2)	Auridai (1)	
		Azenia (2)	

Quadro 1 — Distribuição dos *Dêmoi* nas Tribos Áticas

Tribo	Cidade	Costa	Interior
Aiantis (6 <i>Dêmoi</i>)	Phaleron (9)	Maratona (10) Oinoe (4) Rhamnous (8) Trikorinthos (3)	Aphidna (16)
Antiokhis (12 <i>Dêmoi</i>)	Alopeke (10)	Aigilia (6) Amphitrope (2) Anaphlistos (10) Atene (3) Besa (2) Thorai (4)	Eroiadai (1) Pallene (6 ou 7) Kolonai (2) Krioa (1) Semakhidai (1) Eitea (2 ou 1)

As cotas de participação dos *Dêmoi* áticos sugerem dois importantes objetos de análises: primeiro, uma parcela significativa dos *bouleutai* têm os seus nomes registrados em *Dêmoi* situados num raio de 24 quilômetros da *ásty* (Osborne, 1991, p. 69). Este dado não sugere, como já foi salientado mais acima, o lugar de residência dos cidadãos envolvidos. Ele serve, porém, como um importante indício da proximidade dos conselheiros do espaço urbano. A partir dos argumentos esboçados acima, podemos estabelecer algumas observações: verifica-se, de imediato, que apesar do ateniense estar acostumado a cobrir grandes distâncias a pé, se o seu *Dêmos* estivesse localizado à uma distância de vinte e quatro quilômetros de Atenas, ele levaria, pelo menos, quatro horas para percorrer o trecho de ida. Isto significa dizer, se o conselheiro habitasse num lugar a uma distância de Atenas, como esta ou mais além, ele deveria morar na *ásty* ou, então, não poderia participar de todas as reuniões do Conselho dos Quinhentos (com relação aos cálculos sobre o tempo médio gasto para percorrer uma determinada distância, ver: Sinclair, 1991, pp. 107-108; Ober, 1989, p. 130). A segunda observação sugere a existência de um domínio dos cidadãos que habitavam na *ásty*, no Pireu e nas cercanias de Atenas nas reuniões da *Boulé*, muito embora, o modelo de preenchimento das vagas de conselheiros tenha dependido, pesadamente, da participação maciça dos *Dêmoi* rurais (Sinclair, 1991, p. 107). A população localizada ao redor do espaço urbano representava cerca de 38.6% dos assentos da *Boulé*.¹ As tomadas de decisão deste Conselho, neste caso, devem ter sido marcadas por uma forte influência dos cidadãos citadinos e ricos. Por fim, a lista contendo as cotas de conselheiros de cada *Dêmos*

apresenta uma certa tendência da população em se concentrar em áreas próximas ou ao redor de Atenas. Este modelo de assentamento não foi determinado apenas por interesses econômicos, mas, também, por motivos políticos (não há praticamente informações envolvendo este objeto. O único autor que buscou estabelecer alguns dados sobre os diferentes tipos de solo na Ática e a sua relação com o processo de assentamento foi: Osborne, 1991, pp. 37-42). O segundo importante objeto diz respeito ao fato de que uma parte considerável dos escravos agrícolas deveria acompanhar aquela tendência verificada entre os cidadãos, indo se localizar nas terras agrícolas próximas ou a uma distância não muito grande da *ásty*. Apesar dos dados disponíveis não abordarem diretamente esta questão, nós podemos analisá-la através de indícios fornecidos pela própria documentação.

Há uma inscrição ática datada de 329-28 que fornece alguns dados relativos à produção de cereais na *khóra* ateniense e nas ilhas de Salamina, Skiros, Lemnos e Imbros. Ela registra a contribuição de 1/600 *medimnoi* de cevada e 1/1200 *medimnoi* de trigo que cada uma das áreas mencionadas acima fez ao santuário de Elêusis. Trata-se, a primeira vista, de um documento espetacular. De fato, esta inscrição oferece informações importantes. Dois pontos, porém, devem nortear a utilização deste documento. Primeiro, por se tratar de um caso único, nós não temos condições de saber se os dados representados na estela sugerem um ano normal ou anormal em termos de produção agrícola. O segundo ponto sugere um problema concreto, muito embora não tenhamos condições de provar, de uma possível ocultação da quantidade real de cereais produzidos, implicando, com isto, uma menor contribuição de cada uma das tribos ao santuário (o único autor que parece sugerir algo parecido é: Ober, 1985, pp. 23-24). Os dados oferecidos pela respectiva inscrição revelam os quadros 2 e 3 (ver IG II², 1672, linhas 263-98; ver, também: Jardé, 1979, pp. 38-41; Garnsey, 1989, p. 98. A tabela aplica as seguintes medidas: 1 *médimnos* (m.) = 12 *hemí-hekteús* (h.) = 48 *choínikes* (ch.); 1 *médimnos* de trigo = 40 kg; 1 *médimnos* de cevada = 33.4 kg):

Quadro 2
Contribuição 1/600 Médimnoi de Cevada ao Santuário de Elêusis

Tribos	Primeiros Frutos	Total em Médimnoi (x 600)	Total em kg
Erekhteis	33m.	19.800	661.320
Aigeis	84m.	50.400	1.683.360
Pandionis	51m., 7h., 3ch.	30.987,5	1.035.000
Leontis	86m., 11h.	52.150	1.741.800
Akamantis	68m., 5h.	41.050	1.371.060
Oineis	47m.	28.287,5	994.820
Kekropis	38m., 3h.	22.950	766.560
Hippothontis	56m., 6ch.	33.675	1.124.760
Aiantis	43m., 4h.	26.000	868.380
Antiokhis	57m., 8h., 2ch.	34.625	1.156.500
Drimus (Skóurta)	1m., 2ch.	625	20.880
Amphiaraos (Oropus)	20m.	12.000	400.800
Total	587m., 4h., 4ch.	352.550	11.775.240
Ilhas	Primeiros Frutos	Total em Médimnoi	Total em kg
Salamina	40m., 10h., 2ch.	24.525	819.120
Skiros	48m.	28.800	961.920
Mirina (Lemnos)	162 m.	97.200	3.246.480
Hephaestia (Lemnos)	252m., 2h., 2ch.	151.325	5.054.280
Imbros	43m., 4h.	26.000	868.380
Total	546m., 4h., 4ch.	327.850	10.950.180

Quadro 3
Contribuição de 1/1200 Médimnoi de Trigo ao Santuário de Elêusis

Tribos	Primeiros Frutos	Total em Médimnoi (x 1.200)	Total em kg
Erekhtheis	2h., 2ch.	250	10.000
Aigeis	2m., 7ch.	2.575	103.000
Pandionis	1,5m., 2ch.	1.850	74.000
Akamantis	3m., 2ch.	3.650	146.000
Oineis	2m., 11h., 2ch.	3.550	142.000
Kekropis	1m.	1.200	48.000
Hippothontis	4,5m., 3ch.	5.475	219.000
Aiantis	2m., 1h.	2.500	100.000
Antiokhis	1m., 9h., 2,5ch.	2.162,5	86.500
Drimus (Skóurta)	2m., 5h., 1ch.	2.925	117.000
Amphiaras (Oropus)	5m., 9h.	6.900	276.000
Total	27m., 3h., 0,5.	33.037,5	1.321.500
Ilhas	Primeiros Frutos	Total em Médimnoi (x 600)	Total em kg
Salamina	-----	-----	-----
Skiros	8m.	9.600	384.000
Mirina (Lemnos)	23m., 5h.	28.100	1.124.000
Hephaestia (Lemnos)	23m., 10h., 2ch.	28.650	1.146.000
Imbros	36m., 10h.	44.200	1.768.000
Total	96m., 1h., 2ch.	110.550	4.422.000

O fato das ilhas de Skiros, Lemnos e Imbros estarem representadas na inscrição ática, não deve causar estranheza. Elas estiveram integradas a Atenas ao longo do período clássico, com exceção feita a um curto intervalo de tempo, como resultado da guerra do Peloponeso. Com a vitória ateniense na batalha naval de Knidos, elas passaram novamente ao controle de Atenas (as informações textuais referentes à soberania exercida por Atenas nas ilhas de Lemnos, Skyros e Imbros são bastante lacunares. Sobre as três ilhas estarem integradas ao império ateniense no quinto século, ver: Heródoto 6,137-40; Tucídides 1,98; elas sendo reintegradas a

Atenas no início do quarto século, ver: Xenofonte. *As Helênicas*. 4.4,15; 5.1,31; com relação aos magistrados atenienses enviados às referidas ilhas, ver: Pseudo-Artistóteles. *A Constituição de Atenas*. 62,2). Salta aos olhos a contribuição de cevada das cidades de Mirina e Hephaestia. Estes números sugerem, de imediato, o seguinte raciocínio: o ano de 329-28 deve ser considerado médio ou bom para a ilha de Lemnos, enquanto que, para Atenas, ele foi péssimo. Esta maneira de pensar é praticamente aceita por todos os autores contemporâneos, sendo muito poucos os que admitem o contrário (sobre os autores que identificam o ano de 329-28 como sendo péssimo para a agricultura ática, ver, por exemplo: Jardé, 1979, p.47; Osborne, 1987, p.46; Garnsey, 1989, p.100; Gallant, 1991, p.177. Com relação aos poucos autores que compartilham uma visão otimista acerca da produção agrícola do ano de 329-28, ver: Jones, 1986, p. 77-78; para uma referência maior destes autores, ver, também: Garnsey, 1989, p. 99, n. 26). O quadro 4 proporciona alguns interessantes elementos. É possível estabelecer a contribuição percentual de cada uma das dez tribos na produção de cereais da Ática.

Quadro 4

Contribuição Percentual das dez Tribos Áticas na Produção de Cereais

Cevada	Trigo	Total Geral
Leontis 15,3%	Hippothontis 20,23%	Leontis 15,2%
Aigeis 14,8%	Leontis 14,23%	Aigeis 14,4%
Akamantis 12,1%	Akamantis 13,49%	Akamantis 12,2%
Antiokhis 10,2%	Oineis 13,12%	Hippothontis 10,8%
Hippothontis 9,7%	Aigeis 9,51%	Antiokhis 9,8%
Pandionis 9,1%	Aiantis 9,24%	Oineis 9,1%
Oineis 8,7%	Antiokhis 7,99%	Pandionis 8,9%
Aiantis 7,6%	Pandionis 6,84%	Aiantis 7,7%
Kekropis 6,7%	Kekropis 4,43%	Kekropis 6,5%
Erekhtheis 5,8%	Erekhtheis 0,92%	Erekhtheis 5,4%

Verifica-se, de imediato, a partir das informações acima, o seguinte problema, qual seja: desconhecemos o índice de variação pluviométrico mensal, ou mesmo anual, no ano de 329-28 em Atenas, como para qualquer outro período relativo à antiguidade grega. Em outras palavras, isto significa dizer que, como a produção do trigo e da cevada são sazonais, pode ter havido variações médias nas taxas pluviométricas, região por região, afetando mais ou menos a produção destes dois produtos nos res-

pectivos *Dêmoi* onde eles possam ter sido plantados. Tendo em mente esta questão, podemos, agora, estabelecer algumas conclusões sobre os dados oferecidos acima.

Em termos individuais, a tribo que apresenta a maior estabilidade em relação à produção agrícola é Leontis. Ela engloba nove áreas geográficas da *pólis* ateniense, incluindo alguns *Dêmoi* localizados nas planícies ateniense e eleusina, sendo esta última área considerada extremamente apropriada ao cultivo dos cereais. Hippothontis produz sozinha 1/5 de todo o trigo ático. Este dado não deve causar nenhuma estranheza, já que as planícies eleusina e de skóurta, grandes produtoras de trigo, fazem parte desta tribo (com relação ao potencial cerealífero de Skóurta, ver na referida inscrição IG II² 1672, linhas 271-72). Em um sentido oposto, a produção de trigo dos *Dêmoi* que integram Erekhtheis foi extremamente insignificante, sendo inferior a 1%. Já a sua produção de cevada, se não chegou ao nível catastrófico daquela do trigo, pode ser classificada como sofrível. Com relação ao ano 329-28, esta tribo apresenta o pior nível de produção de cereais da Ática. Torna-se difícil explicar o porque de um desempenho tão baixo em termos de produção de cereais, visto que não dispomos de uma série de estelas epigráficas reportando as mesmas questões para os anos anteriores e posteriores, nem qualquer outro tipo de documento ateniense que possa ser utilizado para efeito de comparação. Uma exame das áreas geográficas ocupadas pelos *Dêmoi* que formam esta tribo pode fornecer alguns indícios, porém, outros importantes fatores acabam ficando de fora. Excluindo aquelas quatro aldeias, cuja localização, até o momento, é desconhecida, restam dez *Dêmoi*. Deste total, quatro estão localizados em áreas com pouca (ou nenhuma) expressão agrícola, dois situados muito próximos da *ásty* — Agrile Alta e Agrile Baixa — e os outros dois na costa sul de Atenas — Euonimon e Themako. Das seis aldeias restantes, três estão situadas na planície superior de Atenas, enquanto que as três restantes ocupam a região sudoeste da Ática. Todas elas dispõem de terras apropriadas para a produção de cereais. Considerando os dez *Dêmoi* passíveis de serem localizados, portanto, quatro deles, ou seja, 40% do total não dispõem de terras agrícolas ou se dispõem, estas são poucas em termos quantitativos. Sobre os outros seis *Dêmoi*, infelizmente, nós não dispomos de meios para verificar o que poderia ter acontecido para justificar um rendimento agrícola tão baixo.

Em termos gerais, quatro das dez tribos áticas — Leontis (L), Aiges (A), Akamantis (Ak) e Hippothontis (H) — são responsáveis por 57,46% de todo o trigo e 51,9% de toda a cevada produzidos na *pólis* ateniense no ano de 329-28. Quando distribuimos espacialmente os 71 *Dêmoi* que inte-

gravam estas quatro tribos, constatamos que a maior parte deles estavam localizados em regiões de planície e em áreas próximas de *ásty*. Vejamos a disposição destes *Dêmoi* no território ático no quadro 5 (utilizamos as classificações geográficas propostas por: Osborne, 1991, p. 196- 200):

Quadro 5
Disposição dos 71 *Dêmoi* das Tribos Leontis (L), Aiges (A),
Akamantis (Ak) e Hippothontis (H) no Território Ático

Na Ásty	Koile (H), Kollitos (A), Skambonidai (L).
Adjacente à Ásty	Ankile Alta (A), Ankile Baixa (A), Diomeia (A), Keiriadai (H), Cerâmico (Ak), Oion Kerameikon (L).
Planície Inferior de Atenas	Bate (A), Eiresidai (Ak), Erikheia (A), Hermos (Ak), Hestiaia (A), Kholargos (Ak), Kolonos (A), Koridallos (H), Pireu (H), Thimaitadai (H).
Planície Superior de Atenas	Eupiridai (L), Iphistiadai (Ak), Kholleidai (L), Paionidai (L).
Costa Sul de Atenas	Halimous (L).
Mesogéia	Erkhia (A), Gargettos (A), Hagnous (Ak), Kikina (Ak), Kidantidai (A), Mirrhinoutta (A), Sphettos (Ak), Teithras (A).
Planícies Eleusina e Skóurta	Elaious (H), Elêusis (H), Kopros (H), Kropidai (L), Oinoe (H), Pelekes (L).
Costa Leste da Ática	Araphen (A), Deiratiotai (L), Halai Araphen (A), Phegaia (A), Philaidai (A), Potamos Alto (L), Potamos Baixo (L), Potamos Deiradiotes (L).
Nordeste da Ática	Deceleia (H), Hekale (L), Ikarion (A), Ionidai (A), Kolonai (L), Oion Dekeleikon (H), Plotheia (A).
Sudeste da Ática	Kephale (Ak), Prospalta (Ak), Sounion (L), Thorikos (Ak).
Sudoeste da Ática	Phrearhioi (L).
Localização Desconhecida	Aithalidai (L), Akherdous (H), Anakaia (H), Auridai (H), Azenia (H), Eitea (Ak), Eroiadai (H), Hamaxantheia (H), Hibadai (L), Kettos (L), Leukonoion (L), Otrine (A), Poros (Ak).

Verifica-se, a partir dos dados apresentados acima, que 53.52% dos *Dêmoi* estão localizados no interior, próximos ou nas cercanias da *ásty* (ver no quadro 1). Outros 28.17% estão afastados de Atenas (ver no quadro 1), enquanto que 18.31% permanecem com as suas localizações ignoradas (ver no quadro 1).

Uma parte significativa dos *Dêmoi* situados no primeiro grupo ocupa as melhores terras agrícolas da Ática, estando localizados nas planícies ateniense, eleusina, e na Mesogéia. Admitindo que as famílias mais ricas, tradicionais e influentes da *pólis* priorizaram, em termos de ocupação e exploração, as terras localizadas nas melhores áreas agrícolas, é plenamente possível supor que as suas propriedades fundiárias estivessem situadas nas regiões de planície, entre as quais, aquelas três mencionadas acima. Estas mesmas famílias utilizaram, em grande parte, a mão-de-obra escrava em suas respectivas propriedades. Observemos o quadro 6 abaixo (sobre a distribuição geográfica das referidas propriedades, ver: Chevita-rese, 1997a, vol. 2, p. 263, mapa 4; para efeito de demonstração, consideramos apenas aquelas propriedades rurais, cuja localização é possível de ser efetuada. Seguimos de perto algumas das tabelas estabelecidas por: Pritchett, 1956, pp. 270-73).

Quadro 6
Localização Espacial das Propriedades
Fundiárias dos Cidadãos Ricos Atenienses

Documento	Proprietário	Propriedade	Dêmos	Localização	Tribo
Hermacópidas VI, 80	Polistratos de Ankile	khoriôn	Mirrhinoutta	Mesogéia	Aiges
Hermacópidas X, 17	Euphiletos de Kidathenaion	oikía, khoriôn e kêpos	Ankile	Adj. à Ásty	Aiges
Hermacópidas X, 16	Euphiletos de Kidathenaion	khoriôn	Gargettos	Mesogéia	Aiges
Hermacópidas X, 18	Euphiletos de Kidathenaion	khoriôn	Aphidna	Nord. da Ática	Aiantis
Hermacópidas VI, 94	Pherekles de Themakos	oikía e khoriôn	Bate	Plan. Inferior de Atenas	Aiges
Iseus 6,33	Eucton	agrós	Athmonon	Plan. Superior de Atenas	Kekropis
Iseu 8,35	Ciro	agrós	Phlia	Plan. Superior de Atenas	Kekropis
Iseus 11,41	Stratocles	agrós	Elêusis	Plan. Eleusina	Hippo-thontis
Iseus 11,42	Stratocles	agrós	Thria	Plan. Eleusina	Oines
Iseus 11,44	Thecopompus	agrós	Oinoe	Nord. da Ática	Hippo-thontis

Documento	Proprietário	Propriedade	Dêmos	Localização	Tribo
Iseus 11,44	Theopompus	khorion	Prospalta	Sud. da Ática	Akamantis
Ésquines 1,97	Timarchus	khorion	Alopeke	Adj. à Ática	Antiokhis
Ésquines 1,97	Timarchus	eskhatia	Sphettos	Mesogéia	Akamantis
Ésquines 1,101	Arizelus, pai de Timarchus	khorion	Kephisia	Plan. Superior de Atenas	Erekhtheis
Ésquines 1,101	Arizelus, pai de Timarchus	khorion	Amphitrope	Sudeste da Ática	Antiokhis
Demost. 42,5	Phainippos	eskhatia	Kitherros	Mesogéia	Pandionis

A composição fundiária dos cidadãos ricos apresentava a seguinte característica. Ela estava fragmentada, na imensa maioria dos exemplos conhecidos, em pequenas partes disseminadas ao longo do território e, em alguns casos, até mesmo, fora dele, e o seu proprietário seria marcadamente absenteísta (Chevitarese, 1997a, pp. 90,95; há uma exceção bastante conhecida à regra, ver: Demóstenes 42,5-6). Estes elementos sugerem a perfeita compatibilidade entre este tipo de propriedade e a mão-de-obra escrava, muito embora, em épocas de pico, haverá o recrutamento da população livre local (quanto ao emprego de trabalhadores livres na agricultura ática, ver: Chevitarese, 1998, pp. 47-58). Estes proprietários utilizavam (e recomendavam), em suas terras, um tipo muito específico de escravo agrícola, denominado *ἐπίτροπος*. Ele é que irá zelar pelo bom desempenho das propriedades fundiárias do seu senhor, sendo responsável, inclusive, pela venda dos produtos agrícolas no mercado, além de estar em contato direto com os escravos agrícolas, supervisionando os seus trabalhos. O caso mais famoso de um escravo desempenhando este tipo de função é o de Evangelus, certamente um *ἐπίτροπος* de Péricles (Plutarco. *Péricles* 16,3-5; sobre este político e estrategista possuir propriedades fundiárias na *khóra* ática, ver: Tucídides 2.13,1). Não é desprovido de sentido, neste caso, o cuidado de Xenofonte em definir quais os atributos que devem nortear o *ἐπίτροπος*. Estes podem ser definidos, a partir de quatro critérios básicos: ele deve ser leal ao seu senhor e aos familiares do seu dono (Xenofonte. *Econômico* 12,5); ele deve ser cuidadoso (Xenofonte. *Econômico* 12,9), portanto, não podendo beber (Xenofonte. *Econômico* 12,11), não devendo ser débil (Xenofonte. *Econômico* 12,12) e não podendo se apaixonar (Xenofonte. *Econômico* 12,13). As lições necessárias para que ele seja cuidadoso devem incluir a honra (Xenofonte. *Econômico* 12,16) e a honestidade (Xenofonte. *Econômico* 14,1); ele deve conhecer toda a estrutura de funcionamento das atividades agrícolas (*ἐργαστέα*) (Xenofonte. *Econômico* 13,3); ele deve ser capaz de comandar os traba-

lhadores (*ἐργαζομένων*) (Xenofonte. *Econômico* 13,3; sobre o emprego do *epitropos*, ver: Xenofonte. *Econômico* 12,1 — 15,10; Pseudo-Aristóteles. *Econômico* 1344a 26; Aristóteles. *A Política* 1255b 30-38).

Não deve ser perdida de vista, porém, uma importante questão: as atividades que os escravos desempenhavam nas terras dos atenienses, fossem eles grandes ou médios proprietários fundiários, não são especificadas, salvo em uma única ocasião (sobre a não especificação das funções desempenhadas pelos escravos nas propriedades fundiárias dos ricos, ver: Demóstenes 47,52-53; 53,6; 53,21; Lísias 4,1; 7,16-17; 7,19; 7,34. Com relação à única passagem especificando claramente o tipo de trabalho realizado por um escravo agrícola, ver: Demóstenes 55,32. Quanto aos escravos “presentes” nas propriedades dos médios agricultores, ver, a seguir, a discussão envolvendo os personagens aristofânicos). Esta imprecisão faz com que as passagens dos textos antigos se tornem extremamente vagas.

Os médios agricultores, representados através dos muitos personagens aristofânicos, se caracterizam como sendo proprietários fundiários e de escravos, alguns, possivelmente, ligados à terra, muito embora, não sejam especificadas claramente, em nenhuma das comédias, as funções que eles desempenhavam nas respectivas propriedades. Aristófanes fornece os *demóticos* de alguns dos seus personagens. É possível organizar, a partir deles, o quadro 7 (sobre a presença do *dêmos* nas comédias, ver: Haussoullier, 1979, pp. 196-200; Whitehead, 1986, pp. 327-45):

Quadro 7 — Personagens Aristofânicos e seus Respetivos Demóticos

Personagem	Peça	Verso	Localidade	Tribo
Diceópolis	Os Acarnenses	406	Kholleidai	Leontis
Estrepsíades	As Nuvens	134, 210	Kikina	Akamantis
Strimodoros	As Vespas	233	Konthile	Pandionis
Chabes	As Vespas	234	Phlia	Kekropis
Trigeus	A Paz	190, 919	Athmonon	Kekropis
Evelpides	Os Pássaros	644	Krioia	Antiokhis
Antitheos	As Tesmofórias	898	Gargettos	Aigeis

Do quadro 7, observa-se a seguinte distribuição espacial dos *Dêmoi* citados: três deles estão localizados na Mesogéia (Kikina, Konthile e Gargettos), outros três estão situados na planície superior de Atenas (Kholleidai, Phlia e Athmonon) e o último (Krioia) tem sua localização desconhecida. Constata-se, portanto, que os agricultores aristofânicos acompanham aquela tendência verificada acima, isto é, os seus respectivos *Dêmoi* rurais não apenas estão localizados próximos da *ásty*, como,

também, estão situados em áreas férteis para a prática da agricultura. Sob a perspectiva de uma relação entre estes personagens e o número escravos agrícolas que eles possuem, observa-se, uma vez mais, aquela tendência destes últimos estarem localizados nas terras situadas à uma distância não muito afastada de Atenas. Garlan (1984, P. 73) elaborou uma tabela (ver quadro 8) envolvendo esta relação.

Quadro 8

A Relação entre Personagens Rurais Aristofânicos e Escravos Agrícolas

Peça	Data	Senhor	Classe Social	Escravos	Homens	Mulheres
Acarnenses	427	Diceópolis	Camponês Médio	4	2	2
Os Cavaleiros	426	Dêmos	Camponês Médio	4	4	?
As Nuvens	425	Estrepsiades	Camponês Médio	2	1	?
As Vespas	422	Bdelicléon	Rico	7 — 8	6	1 — 2
A Paz	421	Trigueu	Camponês	2	2	?
A Paz	421	Corifeu	Camponês	3	1	2
As Rãs	405	Plutão	Rico	5 — 8	4 — 7	1
Ass. Mulheres	392	Creμες	Camponês (?)	3	2	1
Plutos	388	Crémilo	Camponês	3	1	?

O referido autor utiliza o quadro 8 para demonstrar que a escravidão agrícola estava difundida na *khóra* ateniense e, mesmo entre os agricultores médios, que constituíam a base da democracia pericliana, havia em média, pelo menos, três escravos (Garlan, 1984, p. 74). Garlan parece não levar em conta o fato da maioria destes escravos não ter nenhum vínculo, pelo menos nos respectivos contextos das peças, com a agricultura. E mesmo aqueles, que possivelmente estariam relacionados à esta atividade, apresentam funções incertas e / ou desconhecidas nas comédias aristofânicas. Há apenas três referências diretas e uma indireta, ao longo das obras de Aristófanes, que poderiam sugerir algum vínculo entre os escravos mencionados e o trabalho agrícola. Como será observado, no entanto, todas estas passagens são extremamente vagas. A primeira delas está contida na peça *As Vespas* (449-50). Trata-se de uma rápida passagem, onde Filocléon fala ao seu escravo Xantias:

“Não te lembras do dia em que te peguei roubando as minhas uvas. Eu te amarrei contra a oliveira e te arranquei a pele ‘bem e virilmente’, ao ponto de te causar inveja.”

A referida passagem menciona o tipo de castigo que Filocléon impôs ao seu escravo, por este último ter mexido nas uvas sem a sua autorização (este tipo de castigo deveria ser comum em Atenas, tendo em vista que outros textos o mencionam. Sobre esta questão, ver: Platão. *As Leis* 845a). Deve ser observado, no entanto, que ela não deixa claro se o escravo seria um trabalhador agrícola. A respectiva passagem poderia até sugerir que a base dos proventos de Filocléon fosse a agricultura, muito embora, esta fala esteja inserida em um contexto de discussão sobre a sua participação ou não como *dikastés* nos Tribunais de Atenas. As outras duas referências diretas estão contidas na comédia intitulada *A Paz*. A primeira delas é uma rápida intervenção do Corifeu, onde ele pede a Sira que grite pelo Manes que está no campo (Aristófanes. *A Paz*. 1146), enquanto que, na segunda referência (*A Paz*. 1245-249), um pouco mais longa, Trigeu fala ao mercador de armaduras:

“Eu vou te aconselhar outra coisa. Derrame o chumbo como eu te disse; depois, aqui, adapte uma balança suspensa por fios; daí você terá como pesar os figos dos teus servidores na propriedade fundiária (ἐν ἀργῶ τοῖς οἰκέταισιν).”

Na passagem em questão, Trigeu ensina ao mercador como preparar uma balança para fins agrícolas. Este conselho serve para mostrar a sua familiaridade com os instrumentos agrícolas. Ele não serve, contudo, com um argumento convincente, capaz de demonstrar a disseminação da mão-de-obra escrava na agricultura ática. Com relação ao último aspecto desta sentença, esta citação é, uma vez mais, extremamente vaga. Quando o deus Hermes pergunta ao protagonista qual era o seu nome, ele responde (*A Paz*. 190):

“Trigeu de Athmonon, hábil vinhateiro [...]”

O seu *Dêmos*, Athmonon, está situado acerca de nove quilômetros de Atenas. Muito embora, como vimos mais acima, Trigeu fale sobre o uso da balança para pesar figo, um instrumento que todo o público que assistia à peça certamente deveria conhecer bem, ele se define como um profissional ligado à feitura do vinho. Sob este aspecto, o próprio sentido etimológico do seu nome é bastante revelador: ele quer dizer vindimador. Poderíamos pressupor, e, apenas pressupor, que a sua propriedade fundiária deveria priorizar a plantação de videiras, não obstante, esta questão não venha invalidar a presença, em menor escala, de outras culturas agrícolas. Não devemos perder de vista, no entanto, que o próprio *Dêmos* de Trigeu, graças à grande proximidade da *ásty*, poderia lhe proporcionar, sempre

que assim o desejasse, estar presente no espaço urbano. Esta dado servia como um importante fator de diferenciação entre Trigueu e a imensa maioria dos camponeses áticos, localizada nas áreas mais afastadas da *khóra*.

A última passagem presente na comédia aristofânica, relativa ao uso da escravidão nos trabalhos agrícolas, embora o seu sentido seja extremamente geral, está contida na peça *Assembléia das Mulheres* (650-51); verifica-se esta mesma colocação em: Aristófanes. *Pluto*. 510-521. Toda a discussão que será desenvolvida mais abaixo, deve ser aplicada também à esta comédia). Trata-se de um rápido diálogo entre Blépiro e sua esposa Praxágora:

(Blépiro) “[...] Mas a terra, quem é que vai cultivá-la?
(Praxágora) “Os escravos (οἱ δοῦλοι) [...]”

Não podemos concluir, a partir deste curto diálogo, que a escravidão agrícola estivesse extensamente disseminada pela *khóra* ática. Dois elementos contidos na própria peça ajudam-nos a situar melhor esta discussão. Quando questionada por uma de suas companheiras onde havia aprendido a falar com desembaraço, Praxágora responde (Aristófanes. *Assembléia das Mulheres* 243-44):

“Durante o refúgio (φυγάϊς) eu e meu marido nos alojamos na Pnίx, e lá eu ouvia os oradores.”

Os comentadores de Aristófanes estão de acordo que este refúgio estaria relacionado aos acontecimentos do último decênio do quinto século. A divergência entre eles surge no momento de precisar melhor quais seriam os fatos que o teriam provocado. Assim, por exemplo, Eire compreende esta situação vivida por Praxágora e seu marido entre os anos de 413 e 405, a partir, portanto, da ocupação da Decélia pelo exército espartano (Aristófanes. *Las Assembleístas*. [texto bilíngüe grego-espanhol] tradução, notas e comentários de A.L. Eire. Barcelona: Bosch, 1977, p. 114, n. 243). Rogers é da opinião que Praxágora estaria aludindo à fuga dos atenienses das ilhas e portos para a cidade de Atenas antes das decisivas vitórias obtidas por Lisandro (Aristophanes. *The Ecclesiazusae*. [texto bilíngüe grego-inglês] trad. B.B. Rogers. Cambridge: Harvard Univ. Press, 8ª. ed., 1991, p. 268, n. b). Por fim, Van Daele sugere que foi sob o governo dos Trinta, portanto, em 404, que Praxágora e seu marido habitaram o quarteirão popular da Pnίx, onde eles correriam menos perigo (Aristophanes. *L'Assemblée des Femmes*. [texto bilíngüe grego-francês] trad. H. Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 5ª. ed., 1982, p. 25, n. 2). A passagem em questão deixa transparecer que houve um deslocamento forçado da popu-

lação ateniense para o interior da *ásty*. Parece-nos sensato pensar que a busca do refúgio mencionada por Praxágora fosse motivada pelas constantes incursões que as tropas lacedemônias e peloponésias, estacionadas na Decélia, realizavam na *khóra* ateniense. A posição defendida por Eire nos parece, desta maneira, melhor embasada que a dos outros dois comentadores. As palavras de Praxágora fornecem dois interessantes indícios: primeiro, Praxágora e o marido, antes de serem forçados a buscar refúgio na cidade, estavam inseridos no espaço rural e, provavelmente, tivessem uma propriedade fundiária (?). A fala de Praxágora deixa transparecer que ela e o marido não estavam mais alojados na *Próx*, sugerindo, assim, que eles já haviam retornado ao seu lugar de origem. Estes indícios são interessantes para demonstrar que não havia nenhuma anormalidade na resposta dada por Praxágora ao seu marido, quando ele perguntou quem trabalharia a terra. De fato, entre as medidas que ela irá propor para a *pólis*, todas, sem exceção, apresentam um cunho marcadamente utópico. Quando Praxágora sugere que o escravo deva trabalhar a terra, liberando, assim, o cidadão para o desempenho daquelas atividades que o dignificassem mais perante os seus pares, ela compartilha, na verdade, de toda uma longa tradição “antidemocrática”, a qual identifica o trabalho manual como sendo próprio do escravo ou, pelo menos, do não-cidadão (há uma estreita relação entre o argumento apresentado por Praxágora e o dos demais autores gregos antigos. Ver, por exemplo: Aristóteles. *A Política* 1329a 25-27, 1330a 26-27; Lísias 24,6; sobre este pensamento caracterizar uma posição antidemocrática, ver: Jones, 1986, pp. 41-72; Wood, 1989, pp. 5-41). Quando a protagonista explica o porquê de propostas tão radicais (talvez, por isto mesmo, a recorrência à utopia), é possível vislumbrar o quadro de intensas oposições e tensões (estas sim, bastante reais) no interior de Atenas. Nesta perspectiva, encontramos a seguinte colocação de Praxágora (Aristófanes. *Assembléia das Mulheres* 590-93):

“Eu direi que é necessário que todos coloquem os seus bens em comum, de modo que todos tenham parte em tudo e vivam dos mesmos recursos, não é necessário que um seja rico e o outro miserável; nem que um tenha muita terra para lavrar e o outro nem sequer para que se lhe sepulte; nem que um tenha a seu serviço muitos escravos e o outro nem sequer um só que o acompanhe.”

Esta passagem deixa transparecer, concretamente, que enquanto há cidadãos ricos, detentores de terras e de escravos, há outros que estão completamente despossuídos dos meios necessários para torná-los, pelo

menos aos olhos da elite intelectual e antidemocrática ateniense, completamente livres dos afazeres manuais e da labuta cotidiana. Quando Praxágora propôs que os escravos trabalhassem a terra, ela reconhecia uma posição salientada corretamente por Moses Finley, qual seja: a escravidão era considerada boa e produtiva aos olhos dos antigos gregos e se o cidadão pudesse ter escravos, certamente ele os teria (este pensamento está presente em diferentes obras do autor. Ver, por exemplo: Finley, 1986, pp. 114-16; Finley, 1989, pp. 111-12; Finley, 1991, pp. 93-94; para uma crítica recente ao pressuposto de que a escravidão seria natural aos olhos da cultura greco-romana, ver: Garnsey, P. 1997, pp. 12, 53-63, 75-78, 239-240). Em termos palpáveis, porém, uma parte significativa dos agricultores áticos não teve condições de possuir sequer um escravo, limitando-se a utilizar, como um complemento necessário, a força de trabalho encontrada no interior da sua própria casa.

Verificou-se, ao longo deste artigo, que escravidão agrícola vai estar pesadamente vinculada com os interesses dos cidadãos atenienses ricos. Como foi observado, a própria composição das suas propriedades fundiárias facilitava o emprego desta mão-de-obra. Constatou-se, também, a enorme dificuldade em definir quando um escravo está diretamente envolvido com atribuições agrícolas, isto é, quando um escravo é descrito como um trabalhador agrícola. Estas questões representam limites quase que intransponíveis para uma compreensão mais abrangente acerca deste objeto. O que pode ser apreendido, dos poucos dados disponíveis, contudo, não nos autoriza assumir uma posição generalizante acerca da extensão mão-de-obra escrava na *khóra* ateniense.

Bibliografia

I. Textos Antigos

AESCHINES. *The Speeches of Aeschines*. London: William Heinemann, 1988.

ARISTOPHANES. *Les Guêpes, La Paix*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

_____. *L'Assemblée des Femmes, Ploutos*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

ARISTOTLE. *Politics*. London: William Heinemann, 1959.

DEMOSTHENES. *Private Orations*. London: William Heinemann, vol. 4 (1984); vol. 5 (1990); vol. 6 (1988).

- HERODOTUS. *History*. London: William Heinemann, vol. 1 (1990); vol. 2 (1995); vol. 3 (1994); vol. 4 (1981).
- ISAEUS. *The Speeches of Isaeus*. London: William Heinemann, 1983.
- LYSIAS. *The Speeches of Lysias*. London: William Heinemann, 1983.
- PLATO. *The Laws*. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.
- PLUTARCH. *Pericles*. London: William Heinemann, vol. 3, 1984.
- P. ARISTOTE. *Constitution D'Athènes*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- _____. *Économique*. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- THUCYDIDES. *History of The Peloponnesian War*. London: William Heinemann, vol. 1 (1991); vol. 2 (1988); vol. 3 (1992); vol. 4 (1976).
- XENOPHON. *Hellenica*. London: William Heinemann, vol. 1 (1985); vol. 2 (1986).
- _____. *Oeconomicus*. London: William Heinemann, 1992.

2. Trabalhos Específicos

- AMOURETTI, M.-C. *Le Pain et l'Huile dans la Grèce Antique*. Besançon: Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 1986.
- CHEVITARESE, A.L. *Arqueologia, Antropologia e História Rural da Ática no Período Clássico*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Orientadora: Dr^a Haiganuch Sarian, 1997a.
- _____. Território Rural Ático no Período Clássico: Unidade ou Diversidade?, in: *Phoînix* 3 (1997b) 65 — 79.
- _____. Parentes, Amigos e Assalariados Livres na Agricultura Ática no Período Clássico, in: *Phoînix* 4 (1998) 47 — 58.
- DE STE. CROIX, G.E.M. *The Class Struggle in the Ancient Greek World*. London: Duckworth, 1983.
- FINLEY, M.I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 2^a ed., 1986.
- _____. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- _____. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- GALLANT, T.W. *Risk and Survival in Ancient Greek. Reconstructing the Rural Domestic Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GARLAN, Y. *Les Esclaves en Grèce Ancienne*. Paris: La Découverte, 1984.
- GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GOMME, A.W. *The Population of Athens in the Fifth and Fourth Centuries B.C.* Chicago: Argonaut, (1933) 1967.
- GUIRAUD, P. *La Propriété Foncière en Grèce Jusqu'à la Conquête Romaine*. New York: Arno Press, 1979 (1893).
- HAUSSOULLIER, B. *La Vie Municipale en Attique*. New York: Arno Press, 1979 (1883).
- JAMESON, M.H. Agriculture and Slavery in Classical Athens, in: *Classical Journal* 73 (1977 / 1978) 122 — 45.
- JARDÉ, A. *Les Céréales dans l'Antiquité Grecque*. Paris: de Boccard, 1979 (1925).
- JONES, A.H.M. *Athenian Democracy*. Oxford: Basil Blackwell, 4 ed., 1986.
- OBER, J. *Fortress Attica. Defense of the Athenian Land Frontier*. Leidein: E.J.Brill, 1985.
- _____. *Mass and Elite in Democratic Athens*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- OSBORNE, R. *Demos: The discovery of Classical Attika*. Cambridge: Cambridge University Press, 4 ed., 1991.
- _____. *Classical Landscape with Figures: The Ancient Greek City and Its Countryside*. London: George Philip, 1987.

- PRITCHETT, W.K. The Attic Stelai — Part II, in: *Hesperia* 25 (1956) 178 — 317.
- SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. London: Duckworth, 1991.
- SINCLAIR, R.K. *Democracy and Participation in Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- STOCKTON, D. *The Classical Athenian Democracy*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- WHITEHEAD, D. *The Demes of Attica 508/7 — 250 B.C.*. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- WOOD, E.M. *Peasant — Citizen and Slave. The Foundations of Athenian Democracy*. London & New York: Verso, 1989.

Nota

¹ Considerando as cinco regiões geográficas próximas ou no interior da própria *ásty*, foi possível estabelecer o seguinte cálculo: no interior da *ásty*, 28 conselheiros; na área adjacente à *ásty*, 29 conselheiros; no plano costeiro sul de Atenas, 37 conselheiros; nas planícies inferior e superior de Atenas, respectivamente 36 e 63 conselheiros. Chega-se, portanto, à um total de 193 conselheiros nestas áreas. Sabendo, a priori, que a *Boulé* era composta de 500 membros, aplicamos uma regra de três simples.